

Cláudio Tarouco  
de Azevedo

Professor  
colaborador do  
Programa de Pós-  
Graduação em Artes  
Visuais (PPGAV)  
da Universidade  
Federal de  
Pelotas – UFPel.  
claudiohifi@  
yahoo.com.br.

## Desdobramentos de uma pesquisa cartográfica com Arte e Educação Ambiental

### *Ramifications of a cartographic research with Art and Environmental Education*

**Resumo:** O objetivo deste ensaio é a promoção da produção poética fotográfica de um jovem menino morador do Abrigo Lar da Criança Raio de Luz, localizado na cidade do Rio Grande/RS. A pesquisa desenvolveu-se a partir da seguinte questão: como promover um sentido para a existência por meio da Arte? Dessa forma, a metodologia utilizada foi a cartografia e como resultado apresentamos algumas fotografias que compõem a exposição “Um novo olhar” de Max Amaral.

**Palavras-chave:** cartografia; fotografia; microintervenção; *clinamen*

**Abstract:** *The purpose of this essay is to promote the poetic production of photography being made by young resident at the Abrigo Lar da Criança Raio de Luz (the Ray of Light Children's Shelter), located in Rio Grande, RS, Brazil. The research developed emerged from the following question: how can one promote meaning for life (existence) through art? It was in this way that the methodology of cartography was used, and the results are the presentation of some photographs which compose Max Amaral's exhibition "A New Look".*

**Keywords:** *cartography; photography; micro-intervention; clinamen*

O presente ensaio apresenta um desdobramento da pesquisa de doutorado do autor e por uma questão ética é fundamental frisar que o trabalho contou com o apoio do Abrigo Lar da Criança Raio de Luz<sup>[1]</sup>, onde esta etapa da pesquisa foi desenvolvida. Além disso, foi elaborado um termo de consentimento livre e esclarecido que está devidamente assinado e autoriza a realização do trabalho aqui apresentado.

[1] Abrigo localizado na cidade do Rio Grande/RS.

Esta é uma investigação de caráter metodológico cartográfico (GUATTARI; ROLNIK, 2005) no campo da Educação Ambiental que foi defendida no ano de 2013. Porém, através desse método processual e transdisciplinar de pesquisa, o pesquisador elaborou um dispositivo de produção de dados envolvendo práticas educativas transversalizadas pela produção poética em arte. Neste momento, será apresentado um recorte do referido estudo a partir da produção de Max Amaral e suas implicações com a produção poética fotográfica.

A perspectiva epistemológica da presente pesquisa fundamenta-se na ecosofia do filósofo francês Félix Guattari (1993) que propõe um paradigma ético-estético conectado com as três ecologias, a saber: mental, social e ambiental. Segundo a proposta de revolução molecular proposta por Guattari (1985) planejamos e executamos uma microintervenção no Abrigo envolvendo o uso do vídeo e, posteriormente, da fotografia. Entendemos as microintervensões como “práticas efetivas de experimentação [...] nos níveis microssociais” (GUATTARI, 1993, p. 16) que possam promover devires e *clinamens*.

Podemos dizer que o “devir é um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 15-16). Assim como podemos dizer que o rizoma está em devir, pois está em movimento e transformação constante. Estamos em constante devir, e tanto os movimentos instituintes como os do instituído se encontram em ebulição pelo rizoma da vida. Guattari e Deleuze, afirmam que “um beco sem saída é bom, na medida em que pode fazer parte do rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 8), ou seja, no limite, ele nunca é um beco sem saída, no rizoma os fluxos podem conectar linhas de fuga, desvios e movimentos de transformação. Precisamos promover as transversalidades no rizoma, novos desdobramentos do instituinte para abrir novos horizontes a esses becos.

Nesse sentido, o mundo é um grande rizoma com sinapses a serem acessadas. Se eu quiser ver violência contra criança, eu posso.

Se eu quiser corrupção, eu tenho. Se eu quiser ver situações críticas à beira da morte, eu também encontro. Se eu quiser presenciar a fome, sei que ela está em diversas partes do globo. Se eu quiser ver a exploração, a dominação e a privação, também é só eu querer, pois as encontramos em diversos lugares. Mas o que podemos fazer? Como promover um sentido para a existência por meio da Arte?

Assim, nossa microintervenção no Abrigo se deu de modo a produzir devires poéticos para dar sentido e força à vida. Além disso, o desdobramento inicial da pesquisa com vídeos em direção à fotografia foi um *clinamen* que caracteriza uma pesquisa cartográfica e poética. Identificamos no *clinamen* uma força que pode contribuir para aprendermos a lidar com o novo sem temer e com vias a potencializar e promover transformações instituintes. Como afirma Michel Serres, “o clinâmen é definido por Lucrecio, e duas vezes, por um mínimo. É o menor declive possível abrindo os caminhos para a existência.” (2003, p. 55). Essa força mínima pode promover grandes transformações. Isso torna o texto dos filósofos Epicuro e Lucrecio atuais e cheios de possibilidades ao campo das Artes e da Educação Ambiental.

Corroborando, segundo Baremlitt a ideia de *clinamen*<sup>[2]</sup> é uma evocação “dos filósofos atomistas estoicos e dos epicúreos. Trata-se do desvio, em um mínimo de tempo pensável que afetava a queda vertical dos átomos no vazio.” (2010, p. 115). Assim, aproveitamos para relacionar este mesmo conceito com os trabalhos em grupos, pois isso implica em uma participação ativa das pessoas envolvidas no processo de investigação, “[...] desviando-se assim de quaisquer concepções ortodoxas [...]” (2010, p. 115). A partir disso, buscamos os textos atomistas para fundamentar a genealogia desse conceito e sua importância para a nossa pesquisa.

Portanto, vamos retomar, senão à origem do termo, sua fundamentação histórica e filosófica. Para isso, observaremos o texto de Epicuro (filósofo grego, 341 a.C. – 270 a.C.) sobre os átomos:

Os átomos encontram-se eternamente em movimento contínuo, e uns se afastam entre si uma grande distância, outros detêm o seu impulso, quando ao se desviarem se entrelaçam com outros ou se encontram envolvidos por átomos enlaçados ao seu redor. Isto o produz a natureza do vazio, que separa cada um deles dos outros, por não ter capacidade de oferecer resistência. Então a solidez própria dos átomos, por causa do choque, lança-os para trás, até que o entrelaçamento não anule os efeitos do choque. E este processo não tem princípio, pois são eternos os átomos e o vazio. (1980, p. 16)

Esse entrelaçamento resultou no desdobramento das atividades com vídeo em uma proposta poética envolvendo a fotografia. Porém, é importante comentar que durante as atividades promovemos a autogestão através das produções audiovisuais que partiram dos próprios participantes das atividades, os moradores do Abrigo. Além disso, realizamos a análise coletiva da produção com o objetivo de estimular a reflexão e um olhar para a multiplicidade a partir dos trabalhos do grupo. Após estas práticas, gravamos todas as produções (vídeos e fotografias) em um DVD e entregamos para a administração do abrigo para que os jovens e crianças tenham acesso ao material quando desejarem.

Mas voltaríamos ao abrigo muito em breve, pois o *clinamen* promoveu novos entrelaçamentos no campo de pesquisa. Eis que um novo objetivo emerge da investigação cartográfica a partir da encomenda de uma nova microintervenção. Desde o início das atividades havíamos firmado o acordo de contribuir com alguma demanda dos moradores do Abrigo. Nesse sentido, Rosinha Mattos Marsol, que é uma das coordenadoras do referido abrigo, relatou a necessidade de um trabalho especificamente relacionado a um dos moradores do local. Ela propôs um trabalho com arte para tentar contribuir no processo de desenvolvimento de um jovem que demonstrava dificuldade na escola, problemas de atenção e de comunicação, além de dificuldade nas relações com os demais colegas.

[2] Importante frisar que encontramos nos textos filosóficos, dois modos de grafia da palavra “*clinamen*”, a saber: *clinâmen* e *clinamen*, ambos têm o mesmo significado.

A partir de então, Rosinha me colocou em contato com a psicóloga do abrigo na época, Letícia Costa. Marcamos uma reunião na qual podemos conversar sobre o menino e tecer um plano para ser executado com ele. Refletimos sobre os interesses dele e percebemos que a fotografia era um caminho. Durante a microintervenção com os vídeos, ele demonstrava interesse em registrar os encontros com a câmera fotográfica. Portanto, a partir do movimento processual característico da cartografia, veremos aqui o *clinamen* que nos desviou do caminho do vídeo para um contato com a fotografia no processo da investigação. O que não anulou os dados produzidos anteriormente, mas potencializou o dispositivo de pesquisa e a produção dos dados.

Foi então que planejamos um cronograma com três encontros. O primeiro seria uma conversa com o menino, Max (12 anos de idade), para convidá-lo a participar da proposta e perceber se havia o desejo em desenvolver as atividades. Em segundo, caso aceitando, faríamos uma saída de campo em dois lugares, a saber: Sítio Talismã<sup>[3]</sup> e Molhes da Barra da cidade do Rio Grande/RS. E terceiro, uma reunião com o Max, Letícia e o pesquisador para avaliar as fotografias que seriam produzidas no segundo encontro.

O primeiro encontro com o Max foi ótimo e ele demonstrou interesse na proposta. Esclarecemos o objetivo e marcamos o encontro em uma data e hora que não fossem atrapalhar seus estudos, além de planejar o agendamento de visita no Sítio Talismã. No dia 21 de junho de 2012, no início da tarde, nos encontramos no Abrigo e de lá partimos em direção ao Sítio. Ao longo do trajeto, enquanto Letícia dirigia, eu ia no banco de trás do carro, junto com Max. Durante o trajeto ia lhe ensinando alguns procedimentos quanto ao cuidado com a câmera digital fotográfica, discorrendo sobre informações técnicas e mostrando alguns recursos especiais<sup>[4]</sup> do equipamento. Já naquele momento, ele começou a experimentar e algumas fotos foram produzidas.

Fomos muito bem recebidos pela Prof<sup>a</sup> Cleusa Peralta e Tomás Castell, proprietários do sítio naquela época. Em seguida, estávamos, Max e eu, a passear e fotografar árvores, flores, insetos, outros animais, frutas, etc. Ao final da visita, fomos convidados para um café com os produtos ecológicos do Sítio e, logo em seguida, partimos em direção aos Molhes da Barra.

Nos Molhes, descemos do carro e caminhamos pela beira da praia e no caminho das vagonetas, de onde a mirada encontrava o fluxo de navios entrando e saindo do canal do Super Porto do Rio Grande. Continuávamos experimentando o equipamento e trabalhando a composição, o olhar de Max ia “recortando” o ambiente e estabelecendo novas reflexões. Momentos de experimentação estética, nos quais Max despertava desejo pela arte de fotografar.

Avaliando as imagens, percebi que seria possível uma seleção a fim de montar uma exposição com as fotografias de Max. Em nosso terceiro encontro, Letícia e eu lançamos a ideia de uma exposição para ele, mas para isto, teríamos de fazer uma curadoria das imagens para compor a proposta. Ele acolheu a ideia e começamos a fazer a análise da produção e escolha de algumas fotografias. A partir da saída de campo, foram realizadas mais de 100 fotografias digitais, das quais o próprio Max, com a ajuda da Letícia e a minha, escolheu 38 que fariam parte da exposição.

Verificando a possibilidade da exposição, Letícia responsabilizou-se por conseguir um espaço expositivo que existe no Mercado Público Municipal do Rio Grande e é gerido pela Secretaria Municipal de Cultura do Município; fiquei responsável por providenciar a ampliação das imagens escolhidas. A partir disso, marcamos um quarto encontro com o Max para organizar as imagens já ampliadas em papel fotográfico no formato 15 cm x 21 cm.

No dia marcado, sentamos para rever e organizar a disposição das imagens a serem apresentadas na exposição. Este foi um momento

[3] Situado no distrito de Povo Novo em Rio Grande. Para saber mais informações sobre as atividades e as propostas desenvolvidas no Sítio: <http://sitiotalisma.wordpress.com>.

[4] Como, por exemplo, a seleção de cor que possibilita fazer uma fotografia p&b em que apareça uma única cor que tenha no plano de captação da imagem.

[5] Essa proposta sobre o pensamento convergente e divergente foi criada por um psicólogo americano chamado Joy Paul Guilford (1897-1987). Esses dois tipos de pensamentos compõem a sua teoria desenvolvida a partir de pesquisas sobre a inteligência humana. Os conceitos também podem ser estudados no trabalho de João Francisco Duarte Jr. (2008).



Figura 01: Âncora, 2012.  
Fotografia: Max Amaral Rodrigues.

muito significativo para o processo de criação e significação do imaginário do Max. Tivemos um momento, no carro, indo em direção aos Molhes da Barra, em que ele olhava, pelo visor da câmera, algumas fotografias feitas no Sítio. Eis que ele disse: “uma âncora na árvore” (Figura 01).

Existe aí um tensionamento entre o pensamento convergente e divergente<sup>[5]</sup> em suas complementaridades. Ao mesmo tempo em que temos uma imagem de uma laranjeira com frutos, também é possível enxergar uma âncora, como afirmou Max. Uma anunciação de que estávamos indo para o encontro dos navios nos Molhes, o inconsciente maquínico potencializava a imaginação e o processo de criação do menino.

Antes das microintervenções no Abrigo, Rosinha comentava que alguns moradores da casa não tinham sonhos e, portanto, precisavam sonhar. Faltavam-lhes expectativas e perspectivas na vida. Lembramos que isto se confirmou quando propus, nas atividades com o vídeo, que cada um realizasse uma tomada de imagem na perspectiva de um devir-animal. Naquele instante uma criança realizou um vídeo na perspectiva de uma formiga e ao olharem o vídeo algumas exclamaram: “é uma formiga!”; outra disse que era “um homem mexendo a câmera”. Ao invés de imaginar o que poderia estar por trás da imagem em sua multiplicidade (um devir-formiga, devir-inseto, etc.), o menino só atentava para a mecanicidade de quem estava a operar a câmera. Aquele menino que dizia ser um homem mexendo a câmera por trás do devir-animal era o Max. Agora, ele enxergava uma âncora na imagem que produzira. Algo começava a mudar na relação dele com as imagens e, conseqüentemente, na maneira como as produzia.

Começamos a perceber que as escolhas de Max poderiam compor duplas de imagens e que o olhar dele sobre a âncora na imagem da árvore poderia render novos olhares sobre as demais fotografias. Assim, das 38 imagens ampliadas, ficamos com 32 para a exposição. Estas foram dispostas em duplas e, a partir daí, começamos um importante trabalho de dar títulos para cada uma. Estes títulos estão relacionados ao enriquecimento do repertório e do imaginário de Max na relação com as imagens e, conseqüentemente, com o seu modo de olhar o mundo. Seguem quatro exemplos desta organização em duplas (Figuras 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09).

A exposição contou com um texto de abertura redigido pela antropóloga Claudia Turra Magni<sup>[6]</sup>. Como ela afirma, referindo-se ao Max e seu processo de criação: “a nomação, assim como a manipulação fotográfica, confirmam-se, portanto, como exercício de empoderamento, capaz de ser expandido para outros domínios da sua vida”. Ver-

[6] Doutora em Antropologia Social e Etnologia, professora da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, onde ministra aulas no Programa de Pós-Graduação em Antropologia com a disciplina “Antropologia e Imagem”.



Figura 01: Roxo



Figura 02: Caramujo



Figura 03: Floresta de pimenta

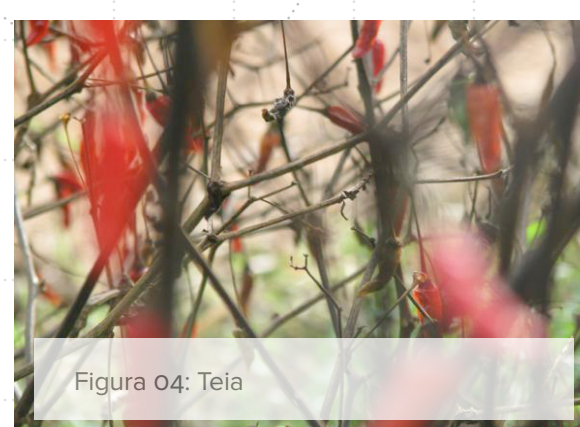


Figura 04: Teia



Figura 05: Inverno



Figura 06: Outono

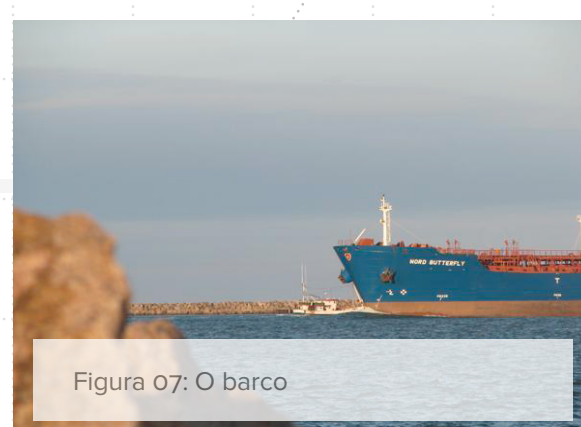


Figura 07: O barco



Figura 08: O encontro



Figura 10: Convite da exposição, 2012.

Fonte: Centro Municipal de Cultura do Rio Grande.

sando sobre as imagens de Max, Claudia comenta: “é assim que seu portfólio nos convida a enxergar o mundo – mas sobretudo ele próprio – com outros olhos”. Esse processo de ressignificar o próprio olhar nutriu o menino concretamente de um novo repertório de imagens e possibilidades. Na vida se é possível fazer coisas novas e avançar.

Esse outro olhar de Max convergiu para o título da exposição. Letícia havia escrito na areia da praia o que veio a ser o título da exposição “Um novo olhar, Max”, bem como a fotografia a compor a imagem para o convite da exposição (Figura 10).

A exposição “Um novo olhar” com as fotografias de Max Amaral Rodrigues, ocorreu no dia 07 de agosto de 2012, às 10h no Mercado Público Municipal. Foi organizada uma excursão da turma do Max com a professora para participarem da abertura que foi acompanhada de salgadinhos e bebidas, além da animação da Banda “Água da fonte”. Naquele dia, Max concedeu entrevista para a RBS TV<sup>[7]</sup>. O menino que tinha dificuldades de comunicação estava à vontade frente

[7] Disponível em: <http://goo.gl/dwDnoh>. Acesso em: 18 jan. 2013.



Figura 11: Banner da exposição “Um novo olhar” de Max Amaral.  
Produção gráfica – Marcelo Gobatto.

à câmera. Envolvido pela atmosfera fotográfica, ele menciona na entrevista: “pretendo ser um fotógrafo”. Além disso, o Max tirava dúvidas dos colegas sobre o seu trabalho e explicava como desenvolveu o processo de criação das imagens.

Na abertura da exposição conversei com as assistentes sociais do abrigo e elas disseram que percebiam um menino mais afetivo, comunicativo e concentrado nas atividades escolares e nas relações junto às demais crianças. A exposição foi até o final de agosto. Porém, as

fotografias e os textos que compõem o trabalho foram utilizados para elaborar um *banner* 5,5 m x 0,60 m (Figura 11) que ficou exposto no muro externo da Escola de Estadual Silva Gama, no Balneário Cassino/RS, durante os meses de setembro e outubro daquele ano. O material foi realizado para o evento Photofluxo 2012 – 3º Festival Fotográfico de Inverno ArtEstação<sup>[8]</sup>, realizado na cidade do Rio Grande/RS a partir de 17 de agosto de 2012. Ou seja, um *clinamen* produzido no processo da pesquisa cartográfica, desdobramentos potencializadores do rizoma.

[8] Disponível em: <http://riograndephotofluxo.wordpress.com/>. Acesso em: 18 jan. 2013.

### Um Novo Olhar – de quem?

Sujeito à pereneidade incessante do movimento das ondas e expresso na gráfica efêmera sobre a areia da praia, esse “novo olhar” só foi possível através do olho mecânico da câmera, que permitiu reenquadrar, aproximar, distanciar, focar, desfocar e recriar as imagens fotográficas registradas por Max Amaral.

Atento aos ciclos vitais, esse morador do Lar da criança Raio de Luz captou as mudas e o ovo. Do canil e do galinheiro, percebeu a condição cativa. Contemplou a sutileza, fragilidade e perfeição da flora e da fauna com a delicadeza de quem descobre o que sempre esteve ali – mas sem a garantia de perdurar.

Ali onde havia somente arbustos, frutos, folhas secas, troncos e galhos, ele instigou nossa imaginação, nos dando a ver âncora, tartaruga, feic, estações climáticas, olhos em árvores... A nomenclatura, assim como a manipulação fotográfica, confirmam-se, portanto, como exercício de empoderamento, capaz de ser expandido para outros domínios da sua vida.

Em meio à paisagem marítima, os corpos, navios e pássaros, com suas formas, ângulos, cores, posições, volume, peso e leveza, lhe sugerem encaixes, encontros e voos, como peças de um jogo infantil.

Entre sua aparente imobilidade dentro do carro e o fluxo da paisagem vista de seu interior, Max define o futuro, sugerindo sua disposição de seguir em frente, fortalecido por tudo que viu, criou e agora, partilha conosco. É assim que seu portfólio nos convida a enxergar o mundo – mas sobretudo ele próprio – com outros olhos. A magia dessa transformação do olhar de si e do outro parece revelada desde o início do ensaio fotográfico: amizade, confiança, harmonia, respeito...

### UM NOVO OLHAR

A partir de uma articulação para a realização de uma pesquisa no campo da Educação Ambiental envolvendo arte, processos de criação e produção de dados, buscou-se o Lar da criança Raio de Luz como um dos espaços potencializadores da investigação.

No desdobramento das intervenções educacionais e de pesquisa, fomos conhecendo várias crianças. Em uma proposta pontual surgiu a possibilidade de produzir um portfólio com o Max Amaral Rodrigues de doze anos, morador da casa.

Foi assim que seguimos com a psicóloga Leticia Costa para um passeio ao sítio agroecológico Talismã em Domingos Petrolina – Rio Grande/RS e, logo após, aos Molhes da Barra na praia do Cassino.

O resultado foi uma seleção de trinta e duas fotografias que estão organizadas em pares. Os títulos de cada imagem compõem uma elaboração criativa com base no envolvimento do Max com sua produção.

Pretendemos desenvolver, na continuidade, novos projetos com os moradores do Lar com o objetivo de promover novas subjetividades, reflexões e sentimentos frutíferos de cuidado, solidariedade e alteridade.

**Cláudio Tarouco de Azevedo**  
Arte-educador-ambiental/Prof. FURG

**Claudia Turra Magni**  
Antropóloga/Profª UFPel

Figuras 12, 13, 14 e 15: recortes do Banner da exposição “Um novo olhar”.  
Produção gráfica – Marcelo Gobatto.

No dia da abertura da exposição de Max, fiquei sabendo de outro morador do abrigo, recém-chegado, que desenhava muito bem e tinha o desejo de ter aulas de desenho. Lembrei-me de um orientando meu do curso de Artes Visuais da FURG, o Patrique, que trabalha com desenho. Entrei em contato com ele, que se dispôs a realizar alguns encontros para contribuir com a formação do jovem. Mais um *clinamen* promovedor do alastramento do rizoma da vida. Uma pesquisa que não se fecha em suas respostas às problemáticas, mas impulsiona novas questões em busca de novas soluções e/ou possibilidades.

Esse foi um desdobramento solidário da pesquisa, no qual Patrique se dispôs a trabalhar com o menino desenhista, dando dicas sobre técnicas do desenho e compartilhando um pouco de seu tempo e experiência. Sabemos que o *clinamen* é um mínimo desvio que pode modificar consideravelmente a trajetória dos átomos. Sabemos também que o encontro de Patrique e o menino foi um destes movimentos.

O que nos fica deste momento da pesquisa foi o entendimento da importância do trabalho com o Max, no sentido que promoveu a autoanálise envolvendo as imagens por ele produzidas. O processo de autogestão na produção das fotografias feitas por ele por meio da apropriação e experimentação com a câmera fotográfica, inclusive do processo de nomeação das imagens. Isso foi, pouco a pouco, compondo o olhar e a imaginação de Max. Esse processo de criação promoveu a multiplicidade de um olhar que só via um homem por trás da câmera. Por isso, a importância da autogestão, com o Max por trás da câmera, pode-se ver além daquilo que ele via e, assim, encontrar a poesia necessária para transformar o olhar em potência de criação do novo. Com isso, o rizoma fica com mais vida, com mais arte, com mais possibilidade de transformação por novos valores existenciais. E, desta forma, encaminhamos a nossa questão de pesquisa dando sentido a nossa existência a partir da criação de poéticas enunciadas com a nossa capacidade de produzir o novo.

## REFERÊNCIAS

BAREMBLITT, Gregorio. *Introdução à Esquizoanálise*. Belo Horizonte: Biblioteca da Fundação Gregorio Barembritt / Instituto Félix Guattari, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. São Paulo: Ed. 54, 1997.

DUARTE JR., João Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1993.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUILFORD, Joy Paul. *La naturaleza de la inteligencia humana*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1977.

SERRES, Michel. *O nascimento da física no texto de Lucrecio: correntes e turbulências*. São Paulo: Editora UNESP; São Carlos, SP: EdUFSCAR, 2003.

EPÍCURO. *Antologia de textos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).